

A tragédia em *A maçã envenenada*, de Michel Laub

The tragedy in A maçã envenenada, written by Michel Laub

Anna Carolina Botelho Takeda¹

¹ Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, doutoranda pelo programa de pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP). Bolsa CAPES – Demanda Social.
E-mail: annacaroltakeda@gmail.com

RESUMO: Neste artigo analisamos as ações narrativas do romance *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub, para visualizar como o autor compõe no livro o elemento trágico, ou seja, a partir de eventos narrativos capazes de apontar para o aniquilamento do protagonista e enfatizar a exposição de um mundo desordenado. Para bem compreender o conceito de tragédia, utilizamos as concepções de tragédia moderna desenvolvidas por Raymond Williams, que vê na ação trágica o próprio conceito de revolução. Ademais, será apontada a admiração do protagonista pela postura romântica do cantor Kurt Cobain que recusa subordinar-se às normas desse mundo desordenado cometendo suicídio.

PALAVRA-CHAVES: *A maçã envenenada*; Tragédia; Romantismo.

ABSTRACT: In this article we analyze the narrative action of the novel *Maçã envenenada* (2013) wrote by Michel Laub to see how the author presents in the book what we call tragic element, in order words, narrative events which announce to the destruction of the protagonist in order to extract from this event the exposure of a disordered world. To understand the concept of tragedy, we use the concepts of modern tragedy developed by Raymond Williams, who sees in the tragic action the concept of revolution. On the other hand, it will be emphasized the protagonist's admiration for the romantic attitude of the singer Kurt Cobain, who refuses to subordinate himself to rules of this disordered world by committing suicide.

KEYWORDS: *A maçã envenenada*; Tragedy; Romanticism.

1 A idade direciona

"Conheci a vida de um homem reduzido ao silêncio, em uma banal vida de trabalhos. Na sua morte comum e sem repercussão vi uma aterradora perda de conexão entre os homens, e mesmo entre pai e filho; uma perda de conexão que era, no entanto, um fato social e histórico determinado [...]."

RAYMOND WILLIAMS

Propõe-se neste artigo a análise da ação trágica no romance *A maçã envenenada* (2013), de Michel Laub. Nele, tem-se a narração em primeira pessoa de um jovem de 19 anos sem nome que descobre os dissabores da vida adulta, sobretudo, ao enfrentar o serviço militar, o primeiro amor e a tragédia final responsável, de certa forma, por sua transformação. Para compor o romance, o escritor utiliza um estilo memorialista, mas que vai sendo perpassado por um tom ensaístico, estratégia empregada para entrelaçar eventos inspirados em fatos verídicos que acontecem ao redor do mundo com as próprias vivências fictícias do protagonista. A morte do líder da banda de rock, Kurt Cobain, e a guerra civil em Ruanda são eventos significativos que, cada um a sua maneira, tornam-se constituintes da história particular do jovem narrador. A sensibilidade e a consciência adquiridas do rapaz não lhe permitem ignorar esses fatos e contribuem para salientar uma melancolia que o acompanha desde os tempos de colégio, quando, ainda de forma mais contida, não aceitava as normas sociais que lhe eram impostas.

Podemos dizer que a narrativa é subdividida em três momentos distintos: a vida e a morte de Kurt Cobain, a sobrevivência de Immaculée Ilibagiza em meio ao terror da guerra de Ruanda e a experiência do protagonista no quartel ao prestar o serviço militar obrigatório. O que nos chama atenção logo no início da leitura é essa fragmentação narrativa que rompe com a previsibilidade temporal e mescla sem ordem cronológica esses três grandes eventos. O autor intercala as histórias numa teia bem costurada em que as

ações narrativas se ligam lentamente para incitar a curiosidade do leitor. Promove, assim, lacunas capazes de motivarem a tensão narrativa até o evento trágico final.

A maçã envenenada é a segunda narrativa que compõe a trilogia iniciada por Michel Laub com o livro *Diário da queda*, escrito em 2011. Nesse primeiro romance realça-se o drama moral de um garoto judeu de 13 anos diante da orquestração de um mal que cometera com seus amigos contra um garoto pobre e não judeu que estudava em seu colégio. Nessa narrativa, o narrador atormentado rememora a agonia nos dias em que sucedera tal evento, ligando-o às lembranças de sua trágica história familiar. No primeiro volume da trilogia, ocorre o rito de passagem do protagonista que começa a entender as dificuldades da vida adulta e, de modo diferente da infância, vai tomando consciência das questões éticas que revestem esse mundo.

Em *A maçã envenenada* é possível visualizar traços estilísticos bastante similares àqueles do primeiro livro. Assim como em *Diário da queda*, no segundo romance, o evento trágico impulsiona a reflexão do protagonista e o faz repensar a sua própria postura e as consequências das decisões tomadas para, dessa maneira, ressignificá-las. As personagens de ambos os romances expõem para o leitor a ideia de que fazer uma escolha implica alta dose de sofrimento devido à introjeção de normas sociais que, ora barra atitudes moralmente duvidosas, ora estimula a culpa como efeito de sua realização. O autor explora o embate ético como propulsor do drama.

Michel Laub trabalha a estrutura narrativa de modo muito parecido nesses romances, porém, as tensões vividas pelos protagonistas possuem problemáticas distintas, uma vez que a fase da vida em que eles se encontram são diferentes. Em *A maçã envenenada* o protagonista tem 19 anos, ou seja, começo da idade adulta, e em *Diário da queda* o garoto está no começo da adolescência. A partir disto, pode-se perceber que a diferenciação de idade das personagens principais dos livros da trilogia é um fator relevante para

o escritor construí-las, pressuposto que é confirmado com a declaração do escritor de que o último romance terá como protagonista um homem em idade adulta¹.

2 O rock e a negação de tudo

O título da narrativa *A maçã envenenada* é retirado de um trecho da música *Drain you*, do grupo de rock-grunge, Nirvana. Com base nessa informação, pode-se pensar a importância desse estilo musical dentro da narrativa e a preocupação de Michel Laub em retratar em sua ficção esses produtos gerados pela indústria cultural que exercem grande influência sobre a juventude e são, de alguma maneira, ao mesmo tempo, muitas vezes ignorados por uma literatura que se pretende canônica². À semelhança de Daniel Galera que, em *Mãos de cavalo* (2006), explora intensamente o poder de manipulação desses produtos criados pela indústria cultural como os videogames, filmes *blockbusters*, brinquedos e revistas, Michel Laub também vai trazer com toques de realismo para a sua narrativa, o papel exercido pela cultura pop, nesse caso, o rock que se torna elemento decisivo na composição da personalidade juvenil do protagonista. Para confirmar tal fato, o suicídio do líder da principal banda de *grunge*, Nirvana, Kurt Cobain, é um dos motivos que impulsiona a escrita do narrador-personagem.

O vocalista suicida-se em sua casa em 1994 e tal evento trazido para o mundo ficcional de Michel Laub é responsável por acentuar as reflexões do protagonista acerca de sua própria existência. Há em *Diário da queda* um

suicídio, mas que acontece dentro do âmbito familiar, com a morte do avô que se tranca no quarto, quando o pai do protagonista era ainda criança, e dispara um tiro contra si. Em *A maçã envenenada* ocorre o suicídio de alguém distante, porém, que estimula o compadecimento do jovem e a vontade de entender os motivos que levaram o cantor a retirar a própria vida, da mesma forma que sucedera no primeiro volume da trilogia.

Interessante notar que, ao mesmo tempo em que há um espanto do protagonista em relação ao suicídio, ele parece aceitar essa atitude de Kurt Cobain ao elaborar os eventos seguintes, mostrando ao leitor um mundo dilacerado onde uma completa perda de união entre os homens fundamenta aparentemente os atos do vocalista. Para ele, e para muitos jovens, o cantor era a síntese da juventude em meio à desintegração da sociedade americana recrudescida pela imposição de políticas neoliberais do governo de Ronald Reagan e o estrangulamento da esperança em âmbito mundial. Pode-se dizer até mesmo que Kurt Cobain representava o sujeito romântico em configurações contemporâneas, num sentido de ser o romântico aquele que se opõe às normas da sociedade burguesa, como bem ressalta Michael Löwy e Robert Sayre, em *Revolta e melancolia* (LÖWY; SAYRE, 2015) ao abordar a história do romantismo até mesmo em sua dimensão política. Nesse sentido, o narrador pronuncia:

Todo mundo tinha um veredito sobre Kurt Cobain, uma tese sobre como ele incorporou o espírito de uma época esmagada pelo fim das utopias, sobre como uma geração pouco educada devolve a raiva ao emergir no fim dos anos Reagan, sobre o que era ser jovem numa América tomada por corporações, individualismo e falta de perspectiva, e como isso estava ligado à via-crúcis pessoal do cantor [...] (LAUB, 2013, p. 18).

Em documentários e matérias de jornal acerca da história do Nirvana e de Kurt Cobain, observa-se a insistência desses relatos em apontar a dificuldade do cantor em respeitar as normas sociais que lhe eram impostas.

¹ Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/53025>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

² “Os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho.” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 105).

O uso das drogas, as críticas à pressão aplicada pelo mercado fonográfico e a relutância em aceitar a fama são presentes em sua trajetória. Na carta escrita antes do suicídio para a esposa, a filha e os fãs, ele revela a perda completa de conexão entre o seu fazer artístico, que se tornara algo mecânico devido à pressão das gravadoras, e o prazer em desempenhá-lo, como um argumento para o ato derradeiro que tirou a sua vida³. Estimulado pelo uso excessivo de drogas que, de certa forma, já era uma fuga para essa vida sem sentido, o cantor opta pelo suicídio a fim de livrar-se do peso dos compromissos estipulados pelas gravadoras e pela perda de vontade de estar num mundo que julgava desfigurado. O narrador de *A maçã envenenada* vai definir Kurt Cobain, como bem exposto acima, como “o espírito de uma época esmagada pelo fim das utopias”. Por meio dessa caracterização do músico, no romance, ele vai simbolizar a geração que não acreditava em transformações e por esse motivo era invadida por uma profunda melancolia.

O ser angustiado que ganha relevo e Kurt Cobain é transformado em ídolo pelas personagens, sobretudo pelo narrador, uma vez que a liberdade perdida pelo *pop star* é, em outro sentido, também uma questão para esse jovem. Oriundo de uma família de classe média, o rapaz deve corresponder aos estereótipos que esperam dele. Escolhe cursar Direito e passa num dos vestibulares mais concorridos de Porto Alegre, assim como revela, mas por questões não largamente explicadas, mesmo odiando o curso, mantém-se nele. Para suportar a rotina, cria dois universos distintos para si –, um deles, pode-se dizer, o universo da norma em que cumpre com rigor os mandamentos do quartel e a formação universitária; e o outro, aquele que

³ Segue trecho da carta: Por exemplo, quando estamos atrás do palco e as luzes se apagam, e o ruído ensandecido da multidão começa, isso não me afeta do jeito que afetava Freddie Mercury, que parecia amar, se deliciar com o amor e a adoração da multidão, que é algo que eu admiro e invejo totalmente. A verdade é que não consigo enganar vocês, nenhum de vocês [...] Às vezes eu sinto como se eu tivesse que bater o cartão de ponto antes de subir ao palco. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2015/01/carta-de-suicidio-de-bkurt-cobain-na-integra-e-com-grafia-original-vira-camiseta-sucesso-de-vendas.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

lhe dá mais prazer, embalado pelo rock, a participação em bandas e o seu namoro com uma garota que, ao contrário dele, não se abstém de seus desejos e busca viver realizando-os sem grandes restrições.

O rapaz almeja romper o círculo que o aprisiona e lançar-se numa jornada em que seriam possíveis apenas atividades que lhe trouxessem prazer. Porém, ao contrário disso, não consegue descumprir normas sociais que lhe possibilitariam tal façanha. Ele agoniza, pois tem consciência desse aprisionamento a tais normas que são, a seu ver, desprezíveis. O contato com Valéria, a namorada, estimula uma crise no protagonista porque a garota não devia respeitar esse mesmo conjunto de normas que possivelmente seriam estimulados pelos pais e pela rotina militar no quartel. A garota não possui mãe e o seu pai está distante, possibilitando certo comportamento sem limites e regras. Assim, entre as normas impostas pelo serviço militar e a exigência de disciplina para dar continuidade ao curso de Direito, o protagonista vai anulando seus desejos a fim de corresponder a um perfil aceitável socialmente, mesmo que esse processo lhe amargue as experiências.

O drama moral em torno da ida ao único show do Nirvana que aconteceria no Brasil confirma essas questões. Para viajar a São Paulo e ver a apresentação da banda, ele teria que desertar por um dia do exército e considerar que haveria a possibilidade, com isso, de ser preso por abandono de função. Em contrapartida, a namorada pressiona-o a fazê-lo, pois não entende a submissão do namorado às normas que ele mesmo considera sem sentido. Ela ironiza sua atitude frente aos compromissos do quartel e tenta apontar-lhe que o seu descumprimento não lhe traria consequências realmente graves.

Vale lembrar que tanto nessa narrativa de Michel Laub, quanto na primeira da trilogia, o autor estabelece uma discussão acerca dos instrumentos responsáveis pela introjeção de hierarquias sociais capazes de

sustentar o controle dos indivíduos. Em *A maçã envenenada* não é aleatória a escolha do autor pela profissão do protagonista cuja graduação é em Direito – curso sinônimo de compreensão do sistema de normas de uma sociedade, cuja finalidade é a regulamentação do comportamento humano para nela viver. Além desse fator, o escritor gaúcho insere a personagem dentro de um espaço em que a conduta normativa é o quesito primeiro de comportamento: o quartel militar. O curso de graduação do protagonista e a sua inserção dentro de um quartel intensificam os conflitos do protagonista que começa a ganhar consciência dos sistemas repressivos aos quais está subordinado⁴.

Sobre esse aspecto, retomam-se os estudos de Michel Foucault, que analisa uma série de instituições responsáveis pela manutenção do controle social. Reconhece a existência de um poder disciplinador que tem como função o adestramento dos indivíduos sem a utilização de violências efetivas. Segundo ele, os instrumentos desse poder disciplinador são simples como “o olhar hierárquico, sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (FOUCAULT, 2008, p.143). O sociólogo aponta como instituições repressivas, dentre muitas outras, as escolas e os quartéis militares, que contam, cada uma a sua maneira, com uma série de normas coercitivas responsáveis por moldar o comportamento dos indivíduos.

Diante dessa breve digressão aos estudos de Michel Foucault, como se pode observar, em *A maçã envenenada* as ações narrativas acontecem em grande medida a partir das restrições impostas por essas duas instituições que fazem parte do cotidiano do jovem personagem. Durante a adolescência ele já dava indícios de uma certa rebeldia em relação aos padrões instituídos,

⁴ Para Marshall Berman, “[...] no mundo moderno, aqueles que são mais felizes na tranquilidade doméstica [...] talvez sejam os mais vulneráveis aos demônios que assediam esse mundo; a rotina diária dos parques e bicicletas, das compras, do comer e limpar-se, dos abraços e beijos costumeiros, talvez não seja apenas infinitamente bela e festiva, mas também infinitamente frágil e precária; manter essa vida exige talvez esforços desesperados e heroicos, e às vezes perdemos.” (BERMAN, 2007, p. 22).

negando o que era considerado o padrão de comportamento normal na escola, a ponto de desejar construir um universo diferente para si com a ajuda do rock. Na idade adulta, quando deveria rebelar-se às normas de modo, o que refletiria efetivamente no andamento de sua vida, ele não parece conseguir reagir. Portanto, o conflito narrativo no interior da personagem se instala quando o cumprimento das normas da vida cotidiana choca-se com o desejo de romper com elas.

Dessa forma, mesmo tendo consciência do aprisionamento que essas normas lhe impunham e num profundo desagrado com a sua própria postura, o garoto parece inflexível quanto às suas decisões. Na passagem em que se questiona acerca da incerta ida ao show do Nirvana, é possível perceber como ele introjeta as normas disciplinadoras do serviço militar cuja descrição não é feita pelo autor sem ironia:

Eu evitei dizer a Valéria que não podia garantir minha ida, que não era improvável estar ausente no momento mais importante da vida dela, sobre o qual ela vinha falando tanto e há tanto tempo, e na fatalidade retrospectiva não seria difícil identificar aí um dos focos de conflito. As noites em que deixei de encontrá-la porque na manhã seguinte tinha de estar cedo no quartel [...] As conversas em que não conseguia ter outro assunto a não ser a armadilha em que tinha caído, dezoito anos e **de repente eu vivia sob regime de escravidão**, e ninguém era capaz de entender como o brilho de uma fivela e um alfinete de gola e a extensão exata de um cadarço passaram a ser tão importantes, e toda vez que eu me angustiava com isso a ponto de chorar de raiva Valéria perguntava o que me impedia de simplesmente desertar. O que pode acontecer na pior das hipóteses, você vai para o pelotão de fuzilamento? Não vai poder renovar o título de eleitor, é isso? (LAUB, 2013, p. 38).

É somente com a instalação dos eventos trágicos na narrativa - a morte de Valéria e o grave acidente sofrido pelo protagonista após saber dessa notícia -, que o seu destino é transformado. A partir disso, ele começa a repensar sobre o significado das obrigações cotidianas que o aprisionam e

transformam, de certa forma, a sua vida num martírio desesperado. Assim, como consequência da vivência dessas duas tragédias, ele decide partir para Londres numa viagem que representa a sua libertação. Nesse sentido, pode-se pensar que o evento trágico em *A maçã envenenada*, ao mesmo tempo em que acentua a ideia de mal, corrobora com o estabelecimento de certa esperança.

3 A morte trágica, a vida trágica

Em *Tragédia moderna*, Raymond Williams faz uma análise das mudanças das representações trágicas, bem como das tragédias enquanto gênero dramático ao longo dos tempos. O crítico começa a revelar as características das tragédias gregas até chegar às encenadas nas sociedades liberais. Para ele, em cada momento histórico, as tragédias apresentam características particulares, sendo que na sociedade moderna, ou seja, na sociedade que se estrutura com o avanço do capitalismo, a tragédia vincula-se ao destino individual das personagens, sobretudo, a partir do aperfeiçoamento técnico para a obtenção de capital. Desse modo, com a organização social fincada na ideia de indivíduo como acontece nessa sociedade, Raymond Williams reforça que os pontos principais da tragédia na modernidade vão ser: “ordem e acidente; a destruição do herói, a ação irreparável, vida vinculada com a morte; e a ênfase sobre o mal” (WILLIAMS, 2002, p. 70).

Para Raymond Williams,

A ação trágica diz respeito à morte, mas não tem necessariamente de terminar em morte, a menos que isso seja imposto por uma determinada estrutura de sentimento. A morte, mais uma vez, é um ator necessário, mas não a ação necessária. Encontramos essa alteração de padrão de forma recorrente no argumento trágico contemporâneo. O exemplo mais espetacular desse fato talvez seja o ressurgimento do conceito de mal (WILLIAMS, 2002, p. 84).

Entendendo *A maçã envenenada* como uma narrativa trágica, em que se destacam as agruras de uma personagem crítica à ordem estabelecida, podemos observar neste romance diversos aspectos do trágico, conforme aponta Raymond Williams ao estudar a tragédia moderna. Dentre esses aspectos, o que mais se destaca no romance é a representação da morte – o suicídio de Kurt Cobain pela completa desintegração com o mundo que o cerca, a morte de Valéria pelo uso abusivo de drogas e o genocídio em Ruanda realizado em decorrência da guerra civil instalada no país. O motivo das mortes e o modo como elas acontecem são bastante distintos, o que aponta para uma certa abrangência do mal em todas as esferas da vida.

Além disso, não é somente a presença dessas mortes que colabora para a composição da tragédia. O protagonista, pela dificuldade em aceitar o mundo dado, vive sob a tensão de uma apatia, característica do mal que se impõe nas sociedades modernas. E pode-se dizer que o estabelecimento dessa apatia no protagonista advinda da falta de ânimo ao realizar os deveres cotidianos os quais, como ele mesmo aponta, o escravizam, vai ser considerada uma espécie de morte em vida devido à impossibilidade de exercer sua condição humana elementar, ou seja, a liberdade, o que esgarça, por fim, a exposição das normas sociais como uma espécie de mal que aniquila os sujeitos, impedindo-os de uma trajetória em que as experiências possam ser genuínas.

Nesse sentido, Raymond Williams aponta para o “mal”, não apenas como a morte concreta, mas como a redução do homem à coisa em que o destino cego, ou “isolamento fundamental” caracteriza o percurso do herói trágico. Com a retomada da história de Kurt Cobain na narrativa, quem o protagonista tinha como ídolo por causa da sua coragem ao rebelar-se, é possível visualizar exatamente essa coisificação da vida humana, ou reificação. Em vários momentos da narrativa o protagonista refere-se ao cantor como uma espécie

de representante juvenil pop de resistência à vida sem sentido. Na carta de despedida que o cantor deixa para a mulher, filha e fãs antes de suicidar-se, e que será comentada pelo autor dentro da narrativa, ele relata a perda da liberdade advinda da manipulação das gravadoras. Sua subjetividade havia sido reduzida a um produto, o que desagradava profundamente ao músico. Não apenas a morte do cantor aparece na narrativa como o evento trágico, mas a sua vida também terá esse sentido. Ao apontar enfaticamente a trajetória do músico, defende-se que o autor deseja chamar a atenção do leitor para o fato de que a mercantilização das relações humanas fora, de certa forma, responsável por sua destruição, pois o movimento mecânico que se impõe ao realizar a sua arte somente para satisfazer as gravadoras, esvazia sua existência, que só tinha muito significado a partir da relação com a música.

No entanto, dentre todos esses eventos trágicos que se sucedem aquele em que Michel Laub decide lançar luz é, inicialmente, a morte em vida do protagonista. Ao subordinar-se aos mecanismos sociais que lhe retiram a humanidade, o mal que, como sugere Raymond Williams, está sempre presente no destino trágico do herói, será, então, associado à criação de mecanismos sociais que impõem restrições às escolhas do protagonista e o submete a uma espécie de controle permanente capaz de conter os seus desejos. Diante disso, justifica-se também o relato acerca da vida de Kurt Cobain, já que o protagonista e o músico, cada um a seu modo, enfrentam situações que lhes restringem a liberdade, para acentuar as dificuldades do protagonista, que, diferente do músico e da própria namorada, não apresenta a mesma disposição para um comportamento radical capaz de enfrentar as leis de seu entorno. Portanto, considerando esses aspectos de *A maçã envenenada*, é possível dizer que o autor ambiciona direcionar o leitor para a reflexão acerca da fragilidade dos princípios da vida burguesa.

4 A guinada do herói

Forma-se na narrativa uma clara oposição entre duas personagens que possuem comportamentos distintos, cujo contraste aponta para a dificuldade de se encontrar a medida entre a rebeldia e a subordinação às normas sociais capazes de minimizar a existência trágica das personagens envolvidas. Valéria, a namorada do protagonista, vai simbolizar o comportamento indomável para quem não existem limites, porém é essa paixão desmesurada que a levará à morte.

Por outro lado, percebe-se, num primeiro momento, a cautela excessiva do protagonista. Nem mesmo apaixonado pela garota e em contato com o universo rebelde que, de alguma maneira, ela lhe oferece, além daquele que presencia apenas intermediado pelos produtos da indústria cultural, ele consegue libertar-se das obrigações às quais fora submetido com o ingresso na faculdade de Direito e a prestação do serviço militar dentro do quartel. No entanto, se Valéria em vida não era capaz de convencê-lo a emancipar-se dessas obrigações que, como bem define, escravizavam-no, sua morte será responsável por fazê-lo, pois diante dela, nasce no rapaz a vontade de romper com os princípios sociais que o cercam.

Ao se recusar desertar do quartel por considerar os efeitos negativos de tal ato, permite que Valéria viaje sozinha com o melhor amigo do jovem para assistir ao show do Nirvana. Mesmo sofrendo com o ciúme e pressentindo que ambos cederiam a um antigo desejo e consumiriam algum tipo de contato íntimo, o protagonista não se permite descumprir as normas e deixa-os partir numa viagem, que se constituiria como um evento significativo para ele.

É nesse show, no entanto, que a ação trágica se concretiza e o mal mais expressivo se instala: a morte inesperada da namorada. No show, Valéria abusa de substâncias químicas que a levam à morte, e, em consequência disso, o protagonista que continha suas ações, mantendo-se sempre racional

e acuado diante das situações de conflito, logo após saber da morte da namorada, embebedar-se e sofre um grave acidente de carro que, assim como o luto, irá impulsioná-lo a tomar decisões que estimularão a sua coragem e o seu desejo pela busca de novos caminhos.

Diante desse contato com o mal pela proximidade da morte, resolve trancar a faculdade, enveredar para o jornalismo e viajar a Londres numa jornada de descobrimentos e incertezas. Como dito anteriormente, todos esses eventos não acontecem de maneira cronológica e, logo no início da narrativa, sabe-se que o protagonista não se condiciona às situações que recusa. Dividido em capítulos curtos, o romance intercala o tempo do quartel, com a estada em Londres, à guerra civil em Ruanda e às vivências da época de colégio. Isso permite ao leitor saber das diferentes etapas de sua vida de forma simultânea e descobrir que os rumos tomados são distintos daqueles que apareciam, na época de quartel, aprisioná-lo. Porém, nem por isso, a angústia que se sente diante das ações narrativas torna-se menor, uma vez que o autor vai traçando lentamente os caminhos para que se entendam os desdobramentos da história do herói, abrindo lacunas interpretativas em que apenas a morte de Valéria é uma surpresa efetiva.

5 Um fio de consciência

Dessa maneira, em *A maçã envenenada* há a revelação de um protagonista angustiado que, apenas num primeiro momento, pressente as incoerências do mundo, mas não consegue encontrar meios para explicitar suas críticas de forma contundente em relação a elas. Falta-lhe, sobretudo, coragem. Na adolescência, busca o rock que, de alguma forma, ajudava-o a rebelar-se frente à realidade dada, sobretudo, àquela apatia de classe média que reinava no colégio em que estudava. Vale lembrar a adoração do protagonista por bandas na adolescência e a citação no romance do trecho de uma

emblemática banda de punk do ABC paulista, Garotos Podres, que evidencia a sua identificação com canções que criticavam as hipocrisias nascidas em decorrência do *modus operandis* do capitalismo. Nessa letra, o Papai Noel é chamado de “porco capitalista”⁵, pois rejeita os miseráveis. Tal trecho não aparece no romance sem que haja um significado; colabora para dar o tom ao inconformismo do garoto.

Porém, com a morte de Valéria, o rapaz consegue dar, de forma mais concreta, corpo para a sua revolta, tornando-se menos passivo frente às situações que lhe desagradam. Ele busca na escrita o caminho para explicitar e denunciar eventos trágicos que acontecem ao redor do mundo, como o faz ao retratar a guerra civil em Ruanda, bem como o suicídio de Kurt Cobain e os motivos que o impulsionam a cometê-lo. Sobre a guerra civil em Ruanda, o autor descreve as situações pelas quais passou Immaculée Ilibagiza, detalhando os dias em que a garota passara trancada num pequeno cômodo apertado com mais outras pessoas para fugir dos combatentes que exterminavam indivíduos de sua etnia. A maneira como o autor relata tal passagem da história de Ruanda permite que se saiba a respeito de sua própria postura diante dela. Ele vai apontar o *non sense* de tal guerra que aniquila parte da população do país e tem como justificativa fulcral a briga étnica por poder político e econômico.

Para melhor entender a opção de Michel Laub pela elaboração desses eventos trágicos, constituindo-os como parte significativa da narrativa, encontram-se, novamente nas formulações de Raymond Williams, argumentos que iluminam o romance *A maçã envenenada*. A ação trágica evidencia a desordem do mundo, num sentido de compreendê-la,

⁵ Segue a letra da música “Papai Noel Velho Batuta”, da banda Garotos Podres. “Papai Noel velho batuta/ Rejeita os miseráveis/Eu quero matá-lo/Aquele porco capitalista/Presenteia os ricos/E cospe nos pobres/Presenteia os ricos/E cospe nos pobres/Pobres, pobres/Mas nós vamos/sequestrá-lo/E vamos matá-lo/Por quê?/Aqui não existe natal”.

experimentá-la e resolvê-la, sem encobertar o mal e o sofrimento vigentes. Essa atitude, conforme Williams, expõe as feridas em suas contradições, permitindo o reconhecimento do outro como humano, o que significa tratar a ação trágica do mesmo jeito que uma revolução, uma vez que ambas escancaram a desorganização do mundo:

A ação trágica não é, no seu sentido mais profundo, a confirmação da desordem, mas a compreensão, a experiência e a resolução dessa desordem. Em nossa própria época, esta ação é geral e o seu nome usual é revolução. Temos que ver o mal e o sofrimento na desordem efetiva, que torna necessária a revolução, e na luta desordenada contra essa desordem. Temos de reconhecer o sofrimento em uma experiência imediata e próxima, e não encobri-lo por uma busca de nomes e definições. Nós, no entanto, seguimos a ação em sua totalidade: não apenas o mal, mas os homens que lutam contra o mal; não apenas a crise, mas a energia que ela libera, o espírito que nela nos é dado conhecer. Estabelecemos as conexões porque essa é a ação da tragédia, e o que descobrimos no sofrimento é, mais uma vez, revolução, porque reconhecemos no outro um ser humano – e qualquer reconhecimento desse tipo é o começo de uma luta que será uma contínua realidade em nossas vidas, porque ver a revolução desta perspectiva é o único meio de fazê-la persistir (WILLIAMS, 2002, p. 114).

Não se deve esquecer que se (ora o rapaz relata a morte de Kurt Cobain e nos direciona a entendê-la como o resultado do esmagamento de um sujeito frente a uma sociedade opressora em constante busca por poder e dinheiro, ora ele narra as experiências de Immaculée Ilibagiza em meio à sangrenta guerra civil entre as etnias hutus) a retomada desses acontecimentos é interpretada neste artigo como uma denúncia. Ademais, o tom ensaístico da obra colabora com a radicalização da verve trágica da narrativa e comprova que o autor assume para a sua arte, como bem sugeriu Raymond Williams, um fazer artístico capaz de desvendar a desordem que se faz ordem em nossa sociedade. Assim, a sua escrita, em que é notória a busca pela denúncia de ações violentas cotidianas que, de certa forma, já são até mesmo aceitas

como normalidade numa sociedade desordenada, tem caráter de revolução, uma vez que, ao enfatizar o destino trágico das personagens e o mal a qual estão submetidas, alerta para a desintegração da sociedade sob princípios puramente mercantis, como ocorre em sociedades liberais.

Dessa forma, se até um determinado momento da narrativa o protagonista parece condenado a viver passivamente diante do que lhe oprime, é a partir da dor causada pela morte de Valéria e do acidente de automóvel em decorrência a tal fato, que ele se liberta das expectativas sociais que lhe impunham certa retidão de comportamento e parte em busca de uma existência mais significativa. As experiências traumáticas são responsáveis pela inversão do destino trágico desse narrador que se debruça ao jornalismo e à escrita para comunicar-se com o mundo numa tentativa de restabelecer os sentidos perdidos e a regeneração de si. O fazer revolucionário é a própria escrita.

O livro de Michel Laub retrata, pois, a juventude nascida num período em que, mesmo pleno de violências decorrentes da ganância imposta por uma sociedade cada vez mais mercantilista e completamente reificada, não conta com as utopias que possibilitaram coletivas de outros tempos. Se aqui não há as lutas representadas, nem mesmo a possibilidade de iniciá-las, a rebeldia juvenil se traduz em excessos que os aprisionarão num universo cujo desalento tece seus caminhos: o uso de drogas ilícitas, o consumo de bebidas, ou até mesmo a adoção de crenças religiosas, como no caso de Immaculée Ilibagiza.

Considerações finais

A partir da análise do livro *A maçã envenenada* pontuaram-se alguns traços estilísticos que marcam a escrita de Michel Laub. É interessante notar num primeiro momento, assim como também fica visível em *Mãos de*

cavalo, de Daniel Galera, a elaboração de uma narrativa em que a juventude toma relevo, sobretudo, a partir da ideia de que os jovens são fortemente influenciados pelos produtos culturais gerados pela indústria cultural. No caso do romance aqui analisado, evidencia-se, bem como se explicita já na escolha de seu nome, o poder que o *rock and roll* tem de guiar o comportamento do grupo de personagens. Kurt Cobain, uma das figuras mais lendárias do rock, dentro da narrativa, será uma espécie de modelo a ser seguido, justamente pela rebeldia e por ser capaz de resistir ao mundo que sente desordenado. Ele encarna o sujeito romântico, cuja postura espelha a desilusão de uma geração que parece possuir apenas uma arma contra as opressões sociais: a autodestruição.

Quando Michel Laub enfatiza o sofrimento em sua narrativa ao aniquilar as suas personagens e ao trazer eventos reais que, cada um à sua maneira, quando aconteceram, chocaram o mundo por sua brutalidade, ele parece ter consciência da importância do retrato trágico como instrumento capaz de recuperar em seu leitor a consciência da desordem do mundo. Porém, se a incomunicabilidade para Raymond Williams é “o mais burguês dos lugares-comuns” (WILLIAMS, 2002, p. 200), em *A maçã envenenada* a principal transformação do protagonista é exatamente no sentido de florescer um senso de responsabilidade em direção à transmissão dos horrores que acontecem no seu entorno.

Assim, pode-se dizer que se a ruína das personagens é inevitável e apontar para um mundo cuja esperança foi perdida é o próprio mérito do romance. Ao mesmo tempo, ao fazê-lo, pode-se dizer que ele se torna um instrumento de reação a esse mundo, pois, assim como nos lembra ainda Raymond Williams, a ação trágica, na sua evidência da desordem, faz-se revolução (2002). Ao enfatizar a destruição da vida, Michel Laub possibilita-nos recuperá-la. O romantismo de Kurt Cobain, o relato das vivências em meio à guerra de Immaculée Ilibagiza, a morte de Valéria e a

submissão silenciosa do protagonista, por fim, colaboram para a tomada de consciência do leitor, no sentido de que se deve resistir às imposições que desordenam a existência humana nas sociedades ditas liberais.

Referências

- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COSTA, Iná Camargo. Tragédia no século XX. In: WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- GALERA, Daniel. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- HORKHEIMER, Max. *A Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LAUB, Michel. *A maçã envenenada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- _____. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- WILLIAMS, Raymond. *Tragédia moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

Recebido em 12/08/2016.

Aceito em 10/07/2017.